

**José Eduardo Agualusa. *Guerra i Pau a Angola***  
Dissabte 18, 18.00h. Hall Proteu. Portuguès, amb traducció simultània

## GUERRA E PAZ EM ANGOLA

A República Popular de Angola nasceu debaixo de fogo. Quando às zero horas e vinte minutos do dia 11 de Novembro de 1975 o Presidente Agostinho Neto proclamou formalmente a independência daquela que fora, até então, a jóia do império português, já a guerra se alastrara a todo o território.

No meu segundo romance, “Estação das Chuvas”, tentei reconstruir aquelas horas de medo e euforia:

“No Largo Primeiro de Maio o Presidente falava à multidão. Pouco antes de subir à tribuna um jovem oficial saltara de um jipe para lhe entregar uma mensagem do Comandante Jacob Caetano, mais conhecido por Monstro Imortal. A situação era crítica: as colunas sul-africanas tinham subido oitocentos e tantos quilómetros, pulverizando as frentes sul e centro. Agora, preparavam-se para tomar a pequena cidade de Novo Redondo. Em Quifangondo, a uma distância tão escassa que quando o vento soprava mais forte a praça se enchia da tosse nervosa das metralhadoras, militares cubanos combatiam ao lado das FAPLA<sup>1</sup> contra antigos comandos portugueses, tropas regulares do exército zairense e guerrilheiros de Daniel Chipenda<sup>2</sup> e Holden Roberto<sup>3</sup>. Balas coloridas riscavam a noite e ninguém sabia dizer se eram parte dos festejos ou do aparato da guerra. Os céus da cidade tinham-se transformado numa imensa armadilha. Era tão incerto o destino de Luanda que muitas das delegações convidadas a assistir às cerimónias, incluindo a da União Soviética, tinham preferido não comparecer”.

Era, evidentemente, a Guerra Fria em todo o seu brutal esplendor. Se quisermos ser exactos, porém, teremos de reconhecer que a guerra civil angolana, a qual se prolongaria por um quarto de século, tendo sido um dos mais longos e destruidores conflitos da história do continente, começou alguns anos antes, mais precisamente a 15 de março de 1961, quando a FNLA (então União dos Povos de Angola, UPA) atacou uma dezena de fazendas no norte de Angola, assassinando a tiro e à catanada, não apenas os fazendeiros portugueses e as suas famílias, mas também os trabalhadores de etnia ovimbundo, e os negros e mestiços naturais de Luanda.

Nos anos que se seguiriam, a FNLA, apoiada pelos Estados Unidos, o MPLA, apoiado pela União Soviética e, um pouco mais tarde, a UNITA, apoiada pela China, iriam dar continuidade ao horror, combatendo o colonialismo português

---

<sup>1</sup> O exército do MPLA.

<sup>2</sup> Um dos mais famosos dissidentes do MPLA, de etnia ovimbundo.

<sup>3</sup> Outro dirigente histórico do nacionalismo angolano, presidente da FNLA.

ao mesmo tempo que se matavam uns aos outros. O tempo veio a demonstrar que aquilo que separava os diferentes partidos angolanos não eram tanto divergências de ordem ideológica, exploradas pelas diversas superpotências, e sim algo mais antigo, mais desesperado, e muito mais profundo. As sementes do ódio haviam sido lançadas muitos séculos antes.

A FNLA é, dos três partidos históricos do nacionalismo angolano, o mais marcadamente étnico, representando, desde a origem, a aristocracia rural do velho Reino do Congo. Nunca se conseguiu expandir muito para além da sua região de origem, abandonou a luta armada poucos anos após a independência, e é hoje um pequeno partido, em crise, e sem grande peso político, embora com representação parlamentar. O MPLA surgiu em Luanda, no seio da sociedade crioula euro-africana, integrando inicialmente apenas brancos e mestiços, mas rapidamente se alargou para o campo, afirmando-se como uma força nacional. A UNITA surgiu um pouco mais tarde, em 1967, fundada por um grupo de homens de diferentes etnias angolanas, do norte ao sul do país, todos eles, porém, de origem camponesa, e quase todos educados em missões protestantes.

Os principais dirigentes do MPLA revelaram desde o início graves distúrbios de identidade. Angolanos, sem dúvida, mas de origem portuguesa, ou, ao menos, formados dentro de um universo de matriz portuguesa, o seu combate nacionalista implicou uma ruptura com uma parte deles mesmos. Brancos ou mestiços, queriam ser negros. Homens da cidade, queriam ser camponeses. Vale a pena citar alguns versos, escritos em 1962, por uma das mais fascinantes personalidades angolanas daquela época, o jornalista Ernesto Lara Filho, o qual, após uma rápida e frustrante passagem pelo exílio, junto ao MPLA, regressou ao círculo de boémia da capital angolana:

*Sou sincero.*

*Eu gostava de ser negro.*

*Gostava de ser um Joe Louis, um Louis Armstrong,*

*Um Harrison Rillard, um Jess Owens,*

*Um Leopold Senghor, um Aimé Cesaire, um Diop,*

*Gostava de ritmar, de dançar como um negro.*

(...)

Vários dirigentes brancos e mestiços do MPLA, ou negros de língua materna portuguesa, escolheram nomes de guerra, ou, no caso daqueles que eram também escritores, pseudónimos literários, em línguas africanas. Foi o caso de Mário Pinto de Andrade, elemento central de todo o movimento literário que precedeu e preparou a insurreição nacionalista, o qual assinou, durante alguns anos, diversos artigos na revista *Presence Africaine*, de que era redactor, com o sonoro pseudónimo de Buanga Fele. Outro caso interessante é o de Pepetela. O mais famoso escritor angolano da actualidade, chama-se na realidade Artur Pestana, e é neto de portugueses, sendo Pepetela, simplesmente, a tradução para quimbundo da palavra pestana.

A FNLA, e mais tarde a UNITA, exploraram, com maior ou menor talento, a angústia existencial e as contradições do seu principal adversário. Jonas Savimbi, que antes de fundar o seu próprio movimento, a UNITA, hesitou durante algum tempo entre militar no MPLA ou na FNLA, optando depois por esta última organização, explicou assim a sua atitude: “Pode parecer racismo e não será certamente a forma como pensamos hoje, porque já aprendemos muito. Contudo é um facto que era muito difícil, naquela altura, para os Africanos, compreender porque é que os mestiços estavam a liderar um movimento de libertação contra os portugueses”<sup>4</sup>.

Mais estranho ainda é o caso de Viriato da Cruz, que foi, ao lado de Mário Pinto de Andrade, um dos fundadores do MPLA, afastando-se do partido, pouco tempo depois, por se opor à feroz liderança de Agostinho Neto. Poeta de escassa mas original produção, intelectual com sólida formação marxista, Viriato da Cruz veio a falecer na China, em 1973, abandonado por quase os seus antigos camaradas de luta e em ruptura, inclusive, com a nomenclatura chinesa. Tal como Jonas Savimbi, também ele aderiu, por um breve período, à FNLA, argumentando que só o partido de Holden Roberto reunia condições para representar a vasta maioria negra e camponesa de Angola. Viriato da Cruz, natural de Porto Amboím, pequena cidade no litoral angolano, trezentos quilómetros a sul de Luanda, era mestiço, de língua materna portuguesa, e formação europeia.

Fundada em 1576, pelo navegador português Paulo Dias de Novaes, São Paulo da Assunção de Luanda, a capital de Angola, é uma das mais antigas cidades da costa ocidental de África – mais antiga, aliás, do que a generalidade das grandes urbes norte-americanas. Séculos de presença colonial viram nascer e afirmar-se uma sociedade crioula, euro-africana, composta por famílias negras e mestiças, que o tráfico de escravos enriqueceu, e que até aos finais do século XIX deteve considerável poder político e económico. O Senado da Câmara de Luanda, por exemplo, era composto quase exclusivamente por angolanos negros e mestiços. Uma boa parte dos jornais que se publicavam então, e foram muitos, tinham a dirigi-los intelectuais e comerciantes angolanos. Finalmente, algumas das maiores fortunas dessa época estavam nas mãos de pessoas com sangue africano, como a célebre senhora Dona Ana Joaquina dos Santos Silva, a Dona Ana Mulata, cujo belo palácio resistiu até muito recentemente, tendo sido entretanto derrubado e substituído por uma infeliz réplica. Estas famílias tradicionais luandenses mantiveram sempre, salvo raras excepções, uma relação conflituosa e de grande desconfiança relativamente aos povos do interior, os quais desprezavam profundamente, e nem o seu empobrecimento, nem sequer a grande vaga colonial que se sucedeu ao fim da II Guerra Mundial, e que a todos prejudicou, conseguiu alterar tais preconceitos e mentalidades. Do outro lado, do lado da África profunda, o rancor em relação à cidade não era menor – mas tinha menos possibilidade de se exprimir.

Aquilo que homens como Viriato da Cruz ou Mário Pinto de Andrade tentaram fazer, um tanto desajeitadamente, é certo, foi algo mais radical do que uma

---

<sup>4</sup> Entrevista a Fred Bridgland, em “Jonas Savimbi – Uma chave para África” (Editora Perspectivas & Realidades, Lisboa, 1988)

simples opção de classe. Eles esforçaram-se, de forma honesta, no sentido de construírem um amplo movimento nacionalista, capaz de ultrapassar séculos de ódios, de rancores, e sobretudo de desconhecimento mútuo, reconciliando uma civilização urbana, crioula, fruto do pecado original do tráfico de escravos, com as diversas sociedades camponesas do interior do país.

O seu falhanço talvez fosse inevitável. Do lado do MPLA a linguagem oficial, nos anos que se seguiram à independência, enfatizava o combate contra o tribalismo e o regionalismo por forma a manter a unidade nacional. Desmontando este discurso, porém, não era difícil descobrir que sob ele se ocultava uma mentalidade colonizada, incapaz de perceber como uma riqueza, e uma enorme vantagem, a diversidade étnica e linguística do país. Quando os dirigentes angolanos gritavam “Um só povo, uma só nação” – a principal palavra de ordem daqueles dias – estavam na realidade a sugerir (e eles acreditavam nisso) que era impossível construir um país moderno respeitando as diferentes nações de Angola.

A impressionante afirmação e expansão da língua portuguesa desde 1975, e o conseqüente colapso de algumas das mais importantes línguas nativas de Angola, em particular do quimbundo, são, pelo menos em parte, resultado de tal mentalidade. Até à independência não haveria em Angola mais de cinco por cento de pessoas cuja língua materna fosse o português. Trinta anos depois pelo menos quarenta por cento dos angolanos têm no português a sua língua materna. Dois terços das crianças, com idades entre os seis e os catorze anos, só conhecem o idioma de Camões. O novo poder angolano revelou-se assim muito mais eficaz na política de enfraquecimento das línguas nacionais do que o regime colonial em cinco séculos de opressão e humilhação.

Jonas Savimbi, um homem poderoso, violento, com uma insaciável sede de poder e absolutamente destituído de escrúpulos, utilizou a seu favor a arrogância dos dirigentes do MPLA – que, para ele, representavam o mundo urbano e a sociedade crioula – explorando o ressentimento e a revolta das populações rurais. Savimbi não se limitou a aprofundar o fosso entre o campo e a cidade. Pouco a pouco, se necessário eliminando fisicamente os seus próprios companheiros, foi transformando um movimento de abrangência nacional, embora preponderantemente camponês, num partido étnico, autista, inteiramente fechado sobre si mesmo. Nos últimos anos em que esteve à frente da UNITA havia ainda militantes de outras etnias, que não apenas ovimbundos, em cargos de direcção. Eram, porém, cada vez mais raros. Savimbi tolerava-os dentro do movimento da mesma forma que um pastor-alemão, por exemplo, pode ser aceite por uma matilha de lobos – desde que não se lembre que é um pastor-alemão. Com a sua morte, e o abrupto fim da guerra civil, a UNITA iniciou um lento processo de democratização, que, se tiver sucesso, talvez contribua também para a democratização do MPLA. Enquanto optimista tenho esperança de que o MPLA consiga romper com o seu passado totalitário – um totalitarismo que de marxista se fez capitalista com a mesma facilidade com que qualquer camaleão muda de cor – e afirmar-se como um grande partido democrático. Seria bom para todos nós. Enquanto céptico, observando e analisando as atitudes dos seus dirigentes ao longo dos últimos tempos, receio que não o consiga fazer. Parece-me, contudo, que se o MPLA não for capaz de

se democratizar dificilmente conseguirá sobreviver em democracia. Não creio que disponha de energia para contrariar o processo de democratização. Teria para isso de enfrentar sozinho, ou quase sozinho, não apenas as forças democráticas nacionais, que estão em clara expansão, mas também, a opinião pública de muitos países ocidentais ligados a Angola. Muitos desses países, é certo, têm até agora fechado os olhos, na medida do possível, aos desmandos do partido no poder, até porque é mais proveitoso negociar o petróleo ou os diamantes com um governo corrupto e incompetente, do que com um governo democrático e competente. Esses países, porém, vivem em democracia, e os seus dirigentes não podem ignorar o poder da sua opinião pública. O MPLA teria ainda de enfrentar as, ainda frágeis, correntes democráticas dentro do seu próprio seio. Perseguir e silenciar essas correntes pode, no imediato, criar a ilusão de que no interior do partido só existe um pensamento. Pode mesmo atrasar o processo de democratização do país. A médio prazo, porém, à medida que a sociedade civil se for regenerando, à medida que o vírus da democracia se for propagando, essas vozes tenderão a ressurgir, cada vez mais fortes, cada vez mais consistentes, cada vez mais radicais, e o MPLA corre o risco de se fragmentar e entrar em colapso.

A democracia é, creio, o único sistema capaz de combater a cultura de exclusão que se instalou em Angola, o racismo e a xenofobia, promovendo o diálogo e expondo à luz franca do dia aquilo que para muitos de entre nós, aqueles que nunca deixaram de lutar pela paz, sempre foi uma evidência – existem onze milhões de maneiras diferentes de se ser angolano, tantas quantos os angolanos, e todas elas são legítimas.

**José Eduardo Agualusa**